

Identidade profissional do médico

A credito que os filhos legítimos da Medicina são os profissionais que se encontram plenamente identificados com as autênticas origens da profissão. Além da ciência médica, o verdadeiro médico carrega dentro de si uma imagem valorizada e admirada, a qual internalizou ao longo de sua vida e, principalmente, no decurso de seu aprendizado.

O processo de formação desse profissional é milenar e responsável pelo prestígio alcançado pelo tradicional médico de família. Sua origem encontra-se, simbolicamente, representada por Hipócrates, o pai da Medicina, sentado com seus discípulos à sombra de um plátano, ensinando-lhes a arte de curar. Penso que a importância desse dado histórico reside no fato de que, a partir de tal modelo, formaram-se sucessivas gerações de profissionais dotados de um elevado sentimento de humanismo.

Seguindo essa linha de pensamento, na direção de um plano psicológico mais profundo, é possível dizer que essa lúdica postura de médico tem suas raízes em uma genuína relação com os pais. Por essa razão, pondero que a medicina é a profissão do filho em relação permanente com os pais, reconhecidos e valorizados, tanto interna como externamente, através de seu desempenho profissional.

Decorre dessa identificação com os pais, representados por Hipócrates, a capacidade do método de aprender, ter paciência, manter a calma, tolerar frustrações e, na maioria das vezes, assim como seus modelos, não ter seu trabalho plenamente reconhecido. Esse perfil de figura parental que o médico, com vínculos bem estabelecidos com suas tradições, encarna, confere a ele os indispensáveis pressupostos de confiabilidade, respeitabilidade e autoridade que os desígnios da prática médica exigem. Ao mesmo tempo, da plena aceitação de sua condição de filho nasce a curiosidade, o anseio de aprender, o intento de descobrir e o reconhecimento do outro. A existência dessa matriz psicológica, geralmente, é confirmada pela relação dos médicos com os colegas, quando, com os mais velhos, demonstram admiração, respeito e gratidão e, com os mais moços, tolerância, receptividade e confiança, além de lhes proporcionar exemplos, oportunidades e orientação.

Completando a identidade profissional do médico, ainda acrescentaria sua relação com a faculdade, representada pelos professores, suas tradições e seus monumentos que, funcionando como modelos de identificação, exercem um importante e, provavelmente, indispensável papel no sentido de reforçar os anseios originais dos candidatos à carreira médica. Na verdade, as paredes e os pedestais das faculdades de Medicina têm muito mais a ensinar do que imaginam alguns profissionais, preocupados apenas com o desenvolvimento científico e tecnológico.

Penso que esses conhecimentos sobre as origens da identidade médica se revestem de uma importância fundamental neste momento em que a Medicina brasileira se defronta com o espectro de uma crise de prestígio jamais observada, com evidentes prejuízos, tanto para o profissional, como para o paciente. A experiência tem mostrado que, para compensar a falta de uma verdadeira identidade profissional, o médico se expõe mais às idealizações do que no passado e, como decorrência, vem sofrendo um progressivo processo de desvalorização social.

Ainda que, em favor dos médicos, possam ser alegadas muitas razões, entre elas os sérios problemas sociais e econômicos que vivemos, o que não podemos negar é que, muitas vezes, são os próprios médicos que abrem o caminho para o seu descrédito. Entre as causas de desprestígio da Medicina, encon-

tra-se, em primeiro lugar, a perda da identidade profissional do médico, que, conforme foi destacado, tem como base as relações familiares internalizadas e o processo de ensino-aprendizagem. Contudo, a natureza desse particular e fundamental requisito do exercício da Medicina, exige ser ensinada por meio de sua prática continuada na presença do aluno, tendo em vista que, o que caracteriza o médico, não é apenas o que ele faz, mas, principalmente, como ele faz, o que somente pode ser apreendido através de um processo de identificação, ou seja, da relação humana que se estabelece entre professor e aluno.

Meu ponto de vista é de que, sendo a Medicina uma profissão fundamentalmente ética, ao se afastar dessa característica, cai em descrédito e se desprestigia. Na verdade, a perda da identidade profissional do médico é a causa mais importante desse progressivo afastamento da ética que observamos nos últimos anos. O que tem ocorrido é que, sem uma sólida vinculação afetiva com os princípios de sua profissão, um grande número de indivíduos formados em Medicina ignoram totalmente seu papel social, e tomam como modelo outros profissionais que têm na venda de serviços seu objetivo principal. A crise da Medicina, muito mais do que o número de especialistas – que em determinadas condições representa uma etapa avançada da ciência médica – espelha essa perda de identidade para a qual contribuiu, com grande parcela, principalmente a partir dos anos sessenta, a implantação de um desastroso sistema nacional de saúde, a criação desenfreada de novas escolas de Medicina e a desfiguração do tradicional método de formação médica. O resultado dessas inovações foi a descaracterização da relação médico-paciente, o que, em grande parte, levou a Medicina brasileira ao descrédito que hoje verificamos.

GLEY COSTA
Psiquiatra